

## O OCEANO INVISÍVEL

O nevoeiro cerrado não permitia ver a distância que o jipe, em alta velocidade, precisava percorrer até alcançar a gruta no rochedo. A escuridão parecia engolir a paisagem. À esquerda, as dunas formadas por grãos negros de areia deslizavam com o vento, agitando seus mantos escuros. Do enorme espaço aberto à direita, um rumor distante indicava que a maré subia pouco a pouco e, em breve, o Oceano Invisível arrastaria tudo que encontrasse pela frente. O jovem Damião, tentando manter o controle do volante, deixava um rastro de pneus pela costa desolada e fria, nas Terras da Solidão – o único acesso para as Regiões Infernais.

Damião sentia-se dominado pelos vazios sem fim, pelos ruídos ameaçadores e, acima de tudo, pela certeza absoluta de que estava completamente só. Ele lutava contra a angústia que o arrastava em direção ao barulho das ondas cada vez mais próximas. O jipe seguia pela trilha escorregadia, derrapando e retornando, algumas vezes quase cedendo ao chamado do mar. Para resistir, tentava se concentrar no dossiê que acabara de roubar e que podia sentir colado no peito, por baixo do agasalho. Ele ainda tinha uma missão a cumprir e valia a pena viver por ela. Mais uma vez conseguiu esvaziar a mente e ignorar as ameaças à sua volta, acelerando mais e mais, enquanto uma onda gigantesca se formava pronta para envolvê-lo.

Na última guinada à esquerda, o jipe quase colidiu com a entrada estreita da gruta. Damião atirou-se para fora do

carro, rolando sobre o chão rochoso e coberto de limo. Levantou-se a tempo de vê-lo ser carregado pela fúria invisível das águas que se chocavam estrondosamente contra as terras por onde ele acabara de passar. Em duas horas as águas recuariam, e os temidos caça-desertores sairiam atrás dele. Sabia do que esses agentes da Central de Inteligência Maligna eram capazes. Não pretendia ser apanhado.

O interior da gruta era irregular e íngreme. Os pés escorregavam no solo lodoso. Obstinado, foi escalando sem se virar para a escuridão atrás de si. Enfim, de frente para o paredão que dividia a trilha principal em duas outras, tateou com as mãos feridas até encontrar a reentrância que procurava e ergueu o corpo em um esforço final. Com os pés apoiados no pequeno patamar de pedra, colocou-se de frente para uma estreita fenda, enfiou a mão direita e foi empurrando, primeiro com o cotovelo, depois com os ombros, até conseguir abertura suficiente para passar o corpo inteiro. O sol de um dia muito quente o aguardava do lado de fora. Atrás dele, em silêncio, a passagem na rocha se fechou.

Damião estava certo de que só havia um lugar onde poderia viver em paz. Era melhor começar a correr.